

Notícias de Guimarães

Ano 17.º N.º 863
 GUIMARÃES, 16 de Agosto de 1948
 Red. e Adm., R. da Rainha, 66-A. Tel. 4018
 Comp. e Imp., Minerva Vimaranesa. Tel. 4177
 Vizado pela Censura. Avença

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

D. Domingos da S. Gonçalves

Das Oficinas de S. José à alta dignidade de Bispo

O espectáculo da Cachena, maltrapilha e borracha, mendigando com um filho aos peitos ressequidos, chamava não só a atenção, mas despertava a piedade pública.

Ao que logo os jornais da terra se deram de tocar a rebate — que era preciso recolher aquela criança!

Com efeito, o filho da Cachena deu entrada no Hospício — uma espécie de casa dos expostos, a cargo do Município.

Durante este alevante da imprensa em prol de uma criança desventurada, fez-se destacar — que havia necessidade urgente de criar entre nós um asilo para crianças do sexo masculino. Já havia uma instituição para albergar meninas; tornava-se, pois, necessário fundar uma casa similar para meninos.

E dizia-se, à época:

Por que não havia de ser no mesmo Asilo de Santa Estefânia? Sim, porque houve tempo, também ali existiu uma secção para o sexo masculino.

Mas tudo havia de passar em verborais discussões. Nada se fez de positivo — a não ser a recolha do Cachena neófito, no Hospício Municipal.

Proclamou-se a República. Uma febre alta de bons propósitos agitou, novamente a ideia de se fundar entre nós uma instituição para recolha de crianças do sexo masculino, carecidas de amparo.

Empunhava a vara de Administrador do Concelho o Dr. Eduardo de Almeida.

Eu, dirigia um jornal semanário. A's colunas deste órgão da imprensa veio um plano, um esquema; qualquer coisa referente à iniciativa de um estabelecimento de caridade para rapazes.

Algum tempo decorrido neste agitado problema assistencial, feito o balanço, tudo se havia passado em treta! A iluminação das boas intenções apagava-se ao cabo da parola gazetilheira.

Desta feita, não havia para animar a campanha um segundo Cachena. Outro, lá estava no Hospício. Espigadinho, passou à escola. Depois, mocinho, era admitido na secretaria da Câmara, ali simpaticamente intitulado — «o Pupilo».

E, tal como a Natureza física, onde nada se perde, também do vácuo discursivo, das cinzas amortecidas que ficaram desse triste quadro da rua — a Cachena, borracha, com o filho nos braços — um novo impulso se havia de gerar, mais forte, mais perfeito, mais reabilitador.

A' maneira santificante de D. Bosco, D. Fr. Caetano Brandão, D. Sebastião de Vasconcelos — cada um Apóstolo a seu modo e todos iguais aos olhos de Deus — também por terras de Guimarães surgira um Sacerdote que se votava à nobilíssima causa da protecção e regeneração dos rapaziños pobres.

Não consta que este Sacerdote se fizesse anunciar no cartaz das gazetas, ou se enleasse com devaneios de fantásticos programas.

Tudo nele foi simples, vulgar, corrente — à maneira dos precurosos da caridade evangélica.

O Padre Domingos da Silva Gonçalves, missionário de uma grande Obra, pondo seu pensamento em Fé, limitou-se ao exercício de pedir.

Como S. Paulo, este Sacerdote podia dizer: — «já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim!»

E todas as portas se lhe abriam, para ouvir o seu apelo. E todos os corações benfazejos se inclinaram para si, ajudando-o na sua esplendorosa tarefa.

Tudo facilidades?

Não, certamente. Razão e fundamento para que nele se fizesse ainda mais vigorosa a vontade de vencer.

São assim os lutadores de boa tempera.

Olhando a beleza subjectiva da meritoria Obra cristã, tive um dia azo e fortuna de me abeirar da Oficina de S. José.

Utilizando-me da vantagem propiciadora, que me oferecia o facto de ser membro da Junta Geral do Distrito, (1928?) alcancei ver aprovada uma proposta, pela qual dariam entrada nos estabelecimentos de assistência asilar e infantil alguns desprotegidos.

A Oficina de S. José — fixado o contrato de internamento por uma pensão mínima — aceitava no seu âmbito acolhedor mais de duas dezenas de crianças.

Ignoro, hoje, se ainda subsiste este contrato.

Conhecem a Obra, no campo da assistência infantil, realizada pelo Padre António de Oliveira?

Humilde pároco de aldeia, um dia foram buscá-lo para lhe darem o governo da Casa Correccional de Caxias. Feito perscrutador de almas — psicólogo e pedagogo — logo entreviu o vasto problema que se lhe deparava. Os pequenos delinquentes, afinal, não eram mais nem menos que umas vítimas da sua própria condição. Os monstros do sifilismo, alcoolismo e raquitismo, atassalhavam as carnes destes rebentos. Mal gerados e imperfeitamente educados, todas as taras do vício e da degenerescência pesavam, hereditariamente, sobre aquela população infantil posta à sua guarda, como gado lazariano.

— Que fazer?

«Pão e pau», como regia o velhíssimo tratado de formação educativa? Isso não! Repugnava semelhante sistema ao seu espírito e mais à sua condição de ministro da Igreja, cujo fulcro moral provinha, doutrinariamente do *Sermão da Montanha*.

Consagrando-se ao seu apostolado de reeducar e regenerar os pequenos delinquentes, não só praticou, exemplificou, positivou um novo sistema, como nos legara a todos, meia dúzia de bons livros a explicá-lo e propagandá-lo.

Reparando o Estado neste singular e extraordinário cabouqueiro da regeneração dos pequenos delinquentes, chamou-o mais para si, e entregou-lhe a Inspecção das Casas de Regeneração do país.

Era, então, Ministro da Justiça, o Dr. Afonso Costa.

Dois episódios de sabor dramático: Topoi, há dias, com um moço, perrote, gordanchudo. Disse-me quemera. Falou-me da Oficina de S. José. Ali aprendera uma profissão. De lá, vivia, Casara. Considerava-se um homem feliz.

Ao despedir-se, deu-me este encargo: apresentar saudações fraternas ao Sr. Padre Domingos.

— Quase no mesmo ciclo de tempo, recebo uma carta de Coimbra. Da Penitenciária. Um recluso desta cadeia celular, pede-me livros, para ler no seu isolamento presidiário. Tratava-se de um antigo internado da Oficina de S. José de Guimarães.

Quem era este malaventurado da fortuna? Perdura, desde que dera ali entrada, o seu nome baptismal. Usava agora sobre a fardeta de presidiário, um número.

Quis saber como isto sucedera. Escrevi ao Director da Penitenciária. Respondeu-me:

«O recluso n.º 121 foi condenado pelo crime de sedição... em 5 anos de prisão maior celular... Deve terminar a pena em 24-8-1951... O seu comportamento prisional tem sido regular e feito bons progressos morais...»

E nada mais dizia a comunicação do Director. Era tudo!

O carcereiro, de lanterna fosforescente, passa ao longo do corredor, chocalhando o molho das chaves que fecham as celas.

Em certo capítulo de um dos livros de observação escritos pelo Padre António de Oliveira, o seu Autor lembra a necessidade de amparar os internados dos Reformatórios depois que eles, aos 17 anos, saíem a portaria, para reingressar na vida exterior.

Com efeito, este auxílio paternal, de vigilância e ajuda, importa aos mocinhos que são largados da instituição protectora que os albergou. Quando não, tantos deles recaem no abismo de onde foram levantados. As suas mostras de regeneração nem sempre resistem aos embates do meio social onde regressam. Tanto pode o vínculo hereditário de onde promanam estes filhos das tristes ervas.

O recluso n.º 121 é um transviado. Anda à deriva. Tem saudades dos seus tempos de internado da Oficina. Fala-me desses tempos, enternecidamente. Tem palavras de gratidão para o seu Director-Fundador.

Quem fará, um dia, a história retrospectiva e palpitante dos muitos internados que háo passado pela Oficina de S. José?

D. Domingos da Silva Gonçalves,



A Sagração de Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor D. Domingos da Silva Gonçalves

Com a maior solenidade realiza-se hoje, no templo da Collegiada de Santa Maria da Oliveira de Guimarães, a Sagração de Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor D. Domingos da Silva Gonçalves, a quem o Santo Padre, no Consistório de 21 de Junho último, elevou à Sé Titular Episcopal de Pionia, nomeando-o Bispo Coadjuutor da Guarda com direito à sucessão do Rev.ª Senhor D. José Alves Matoso.

O nosso ilustre Conterrâneo Senhor D. Domingos, que pouco antes havia sido nomeado Prelado Doméstico de Sua Santidade, com o título de Monsenhor, nasceu em Guimarães, na freguesia de S. Paio, em 1 de Fevereiro do ano de 1891, contando portanto 57 anos, tendo-se ordenado em 4 de Agosto de 1913, há precisamente 35 anos.

Estes 35 anos de vida sacerdotal aplicou-os o Rev.ª Senhor D. Domingos Gonçalves ao seu Apostolado em prol das Almas, pregando constantemente o Evangelho e entregando-se a trabalho constante, quer orientando as consciências através da sua palavra do alto do púlpito, quer ensinando os pobres e amparando os infelizes, quer pedindo, em nome da Caridade, para aqueles que têm fome.

O que foi a sua acção nas modelares oficinas de S. José, onde passou, a bem dizer, toda a sua vida sacerdotal até ao dia de hoje; quanto trabalhou pelas nossas Casas de Assistência e pela propagação da Fé, sabem-no todos, sabe-o não apenas o Concelho de Guimarães e a Diocese de Braga, onde por todos é querido e estimado, mas também o País inteiro que não desconhece o nome deste Apóstolo, que nos honramos por contar no número dos nossos conterrâneos e a quem hoje respeitosa e beijamos a mão.

Distribuição de enxovais Mons. João Ribeiro

Por intermédio das Conferências de S. Vicente de Paulo (mulheres) das 3 freguesias da cidade, e da Casa dos Pobres, a Comissão Municipal de Assistência, deste concelho, distribuiu, respectivamente, 48 e 32 enxovais, os primeiros para rapariga e os outros para rapaz. Todos os enxovais foram fornecidos pelo Fundo do Desemprego, mediante indicação do Instituto de Assistência à Família.

Bispo eleito da Guarda — fundador das Oficinas de S. José de Guimarães.

Que nobilíssimo título é este para juntar à hierárquica dignidade episcopal deste Senhor Bispo!

Agradecendo o Cardeal Saraiva a Sua Majestade a Rainha D. Maria II o veto régio da sua elevação ao sôlo da Patriarcal de Lisboa, dizia:

— Senhora, estou pronto para o altar e para a charrua!

Pronto, sim, para o trabalho e para o sacrifício.

Passou, no dia 13, mais um aniversário do falecimento deste virtuoso Sacerdote, que foi ilustrado Arcipreste de Guimarães, e cuja figura ainda hoje é evocada com a mais enternecida saudade.

Respeitosamente nos curvamos ante a sua saudosa memória.

Também o novo Bispo D. Domingos da Silva Gonçalves, assim mentalmente pode responder, no acto da sua sagração.

Ele é o Sacerdote da acção católica. Pronto para o altar e para a charrua, na grande vinha do Senhor! a bem da causa de Deus, que serve de todo o seu coração.

Eu, humilíssimo admirador das suas virtudes, o saúdo.

Porto. A. L. de Carvalho.

A homenagem nas Of. de S. José a D. Domingos da Silva Gonçalves

Nas nossas queridas Oficinas de S. José — essa modelar Casa de Assistência onde o Rev. D. Domingos da Silva Gonçalves, novo Bispo de Pionia e Coadjuutor da Guarda, desenvolveu notável actividade durante 33 anos consecutivos — foi no domingo prestada uma significativa homenagem ao novo Prelado e nosso muito querido Conterrâneo, sendo-lhe feita a entrega das vestes episcopais, oferecidas pelos seus conterrâneos, amigos e admiradores, e do anel prelatício que a S. Ex.ª Rev.ª foi oferecido pelos seus antigos alunos, que desse modo quiseram manifestar ao novo Bispo a sua muita admiração e alto apreço.

O Rev. Cônego Mouta Reis, que veio propositadamente representar o Prelado da Diocese. Senhor D. António Bento Martins Júnior, celebrou às 10 horas, missa na capela das Oficinas, assistindo o homenageado e grande número de amigos seus, muitas senhoras da nossa sociedade, os internados das Oficinas, etc.

Finda aquela cerimónia, no salão das sessões efectuou-se uma tocante sessão solene. Presidiu o Rev. D. Domingos da Silva Gonçalves, rodeado pelos Srs. Cônego Mouta Reis, representante do Senhor Arcbispo; Dr. Augusto Ferreira da Cunha, Presidente da Câmara Municipal; Rev. António de Araújo Costa, Arcipreste, e Comendador P.º Augusto Borges de Sá, Presidente das Oficinas de S. José.

A assistência era numerosa e selecta, vendo-se entre ela muitas senhoras.

Eis alguns nomes de que nos foi possível tomar nota:

Dr. Augusto Ferreira da Cunha, Presidente da Câmara; P.º António de Araújo Costa, Arcipreste; Professor Mário Meneses, Provedor da Santa Casa da Misericórdia; Prof. José de Pina, Comandante dos B. V.; Tenentes Ernesto Moreira dos Santos e Manuel Peres, Comandantes da G. N. R. e da P. S. P.; António J. Pereira de Lima, Provedor dos Santos Passos e Presidente da Comissão de Melhoramentos da Penha; José Gilberto Pereira, Domingos Mendes Fernandes, José Rodrigues Guimarães e Bráulio Teixeira Carneiro, representando a Mesa da Irmandade da Penha; P.º José Carlos Simões de Almeida, Director do Internato Municipal; Comendador P.º Augusto Borges de Sá, Dr. Carlos Saraiva, Eng. Eleutério Martins Fernandes e José Mendes Ribeiro Júnior, componentes da Comissão Administrativa das Oficinas de S. José; Alfredo Guimarães, Director do Museu Alberto Sampaio; José Faria Martins Leite, pela Direcção do Asilo de Santa Estefânia; António Emilio da Costa Ribeiro, Presidente do Grémio do Comércio; Casimiro Martins Fernandes, representando a Mesa da V. O. T. de S. Francisco; João Mendes Fernandes, Prior da V. O. T. do Carmo; Armando H. Gonçalves, representante da V. O. T. de S. Domingos; Joaquim de Sousa Pinto, Juiz da Irmandade de Nossa Senhora da Oliveira; Dr. Alfredo Peixoto, Dr. Alberto Milhão; Dr. Aventino Leite de

Faria, Dr. António Baptista Felgueiras, Dr. Fernando Lopes de Matos Chaves, P.º Avelino Borda, P.º Ernesto da Conceição Ferreira, P.º José Fernandes Ribeiro, José da Costa Vaz Vieira, Alberto Teixeira Carneiro, Jerónimo de Almeida, Manuel Pereira Mendes, Manuel de Freitas Guimarães, Raul Rocha, Luís Filipe Coelho, Amadeu da Costa Carvalho, Armando Paúl, Jaime Sampaio, João Xavier de Carvalho, Mário Ferreira, Francisco Ramos M. Fernandes, António da Fonseca Ferreira, Carlos Alves Teixeira, de Gaia, etc., etc.

Viam-se também entre a assistência pessoas de família do novo Prelado, principalmente seu irmão o Sr. José da Silva Gonçalves, e ainda Irmãs Hospitalaeres, Escutas, etc.

Dois grandes amigos das Oficinas, estando ausentes, encontravam-se também ali condignamente representados: o Ex.ª Sr. Albano de Sousa Guise, por sua virtuosa Esposa Ex.ª Senhora D. Adelina de Sousa Guise, e o Ex.ª Sr. Comendador Alberto Pimenta Machado por seu cunhado o Sr. Domingos Mendes Fernandes.

Em primeiro lugar, o Rev. Borges de Sá referiu-se àquele acto — o pagamento de uma dívida de gratidão que toda a cidade e concelho, a bem dizer a Diocese inteira, contrain desde há muito com o Senhor D. Domingos.

Seguidamente usou da palavra o Vice-Presidente da Direcção das Oficinas e distinto clínico, Sr. Dr. Carlos Saraiva. Depois de apresentar cumprimentos às autoridades presentes, o orador traçou o perfil moral do homenageado, referindo-se largamente à fundação das Oficinas e à orientação dada pelo seu incansável e devotado Director. O que vale e representa esta obra — afirma o orador — deve-se em grande parte ao Padre Domingos.

Depois e visivelmente emocionado, o Sr. Dr. Carlos Saraiva falou-nos das suas qualidades de educador, da sua humildade, e recorreu à sua acção notabilíssima no Congresso Eucarístico de 1927, nos Cortejos das Flores, das Oferendas, nas Peregrinações à Penha. Diz que a escolha do Senhor D. Domingos para fazer parte do ilustre Episcopado Português foi uma grande honra para Guimarães. A propósito recorda dois prelados vimaranenses: o D. José Lopes Leite de Faria, de saudosa memória, e o D. Guilherme da Cunha Guimarães, venerando Bispo de Angra.

Quase a terminar: — O Senhor D. Domingos faz falta a esta Casa, faz falta a Guimarães, faz muita falta à própria Diocese.

E num elogio final e bem merecido, classifica-o desta forma:

A mais alta espiritualidade unida à mais cândida simplicidade.

Por último propõe que o Senhor D. Domingos seja nomeado Director Honorário das Oficinas de S. José, o que é aprovado por todos os presentes com uma demorada salva de palmas.

O Sr. José da Costa Santos Vaz Vieira, um dos fundadores daquela

Boa Esperança

Dilue-se, esfuma-se a luz que meus olhos copiaram.

Nesse silêncio o crepúsculo vela. E' tardia a hora. Sobre os montes a tarde desce e desfalece em bruma.

O silêncio é música apenas.

As coisas acordam em mim lembranças que foram e serão tudo, menos imemória.

Abarco com os meus sentidos o que ao longe é lembrança.

O além e o aquém fundem-se em ti, a sempre eleita.

Foste, és e serás a ternura toda, a leda madrugada.

De mãos dadas não-de abrir-se as portas do nosso paraíso. Os caminhos são iguais, só resta alcançar o porto da boa-esperança.

23-VI-48, Lisboa.

CORREIA DA COSTA.

CONTRASTES!...

Lágrimas e saudades

As homenagens de no último domingo foram prestadas a Sua Ex.^a Rev.^m o Senhor D. Domingos Gonçalves, nas Oficinas de S. José, desta cidade, das quais constou uma sessão solene para a entrega das vestes preláticas e do respectivo anel, tiveram como principal reflexo a grandiosidade da estima e da simpatia tributadas ao ilustre e querido Filho de Guimarães. Naquele ambiente, orvalhado com a humidade de sentidas lágrimas e entretido com a dor da saudade, toda a assistência testemunhou ao novo Prelado o seu profundo e o seu mais sincero agradecimento por tudo quanto tem feito como exemplar e virtuoso sacerdote e ainda como devotado Vimaraneense.

Como fervoroso Director das referidas Oficinas, durante o longo período de 33 anos foi feita a devida justiça à obra memorável que ali realizou sem outra compensação que não fosse a de sentir-se alegre e satisfeito como principal Pastor daquele rebanho constituído por tantos rapaziños de quem Ele se considerava Pai adoptivo. Dentro dessas Oficinas, verdadeiro Apostolado da Caridade, a sua acção humanitária e evangélica criou raízes tão sólidas e tão presas ao seu coração e à sua Alma, que impossível se tornará, quer no presente, quer no futuro, que o seu nome seja es-

quecido. Pelo contrário, essas raízes continuarão a manter-se através da sua ausência, porque nem a força do destino será capaz de as destruir ou de as tornar menos fortes. Elas são o sustentáculo de uma árvore cujo fruto é abençoado por Deus. Essa árvore é a fundação das Oficinas e o seu fruto é a Caridade que acarinha e protege todos aqueles que lá são recolhidos e, portanto, arrancados das garras da adversidade. Em virtude disso, não é de estranhar que as lágrimas e as saudades acompanhem quem fica e quem vai. Quem fica? Os Vimaraneenses. Quem vai? Sua Ex.^a Rev.^m o Senhor D. Domingos Gonçalves.

Porém, todas essas lágrimas e todas essas saudades serão suavizadas pela suprema consolação de vermos elevado à alta e honrosa dignidade de Prelado da Diocese da Guarda um Vimaraneense em quem a visão da Providência Divina encontrou qualidades e virtudes para o desempenho dessa espinhosa mas dignificante missão. E por que assim tem que ser, Deus não permitirá, apesar disso, que o seu coração e a sua Alma deixem de ser Vimaraneenses, no seio dos quais o seu nome permanecerá em Altar de eterna veneração e gratidão como preito da justa e da merecida homenagem pelo que deixa feito em prol da Religião e da Caridade.

A VOZ DAS FREGUESIAS

O que apreciámos e ouvimos desejar em S. Martinho de Sande, S. Lourenço de Sande e S. Clemente de Sande

UM ESCLARECIMENTO

Passado o período das grandiosas Festas Gualterianas, exaustivo pela interminável série de números festivos, qual deles o mais rico e mais impressionante, retomamos o leme da nossa nau, fazendo-se singrar por entre o mar de aspirações que submerge a vitalidade dos povos suburbanos e esmagando o progresso das suas freguesias.

Temos focado muitas vezes este pormenor, mas nunca é de mais insistir, pois são tantas e tão flagrantes, tão pungentes e imperativas as necessidades existentes nas freguesias rurais do nosso Concelho que, só vindo, se aquieta do alto sofrer dessa gente.

E' um clamor quase unânime, a pedir caminhos, água, escolas, luz e telefone. E quem se deter na apreciação destes desejos, não pode deixar de concluir que quem pede tais elementos é porque deles carece, para que a sua vida tenha mais amenidade, menos travo.

Não é pedir demais, quando se pede o restritamente necessário. E quem pede só não tendo direito também a carne, é porque se quer remediar, vivendo sem se tornar muito pesado a quem tem de cuidar da sua existência...

S. Martinho de Sande

E' esta uma das mais importantes e mais laboriosas freguesias do Concelho, tendo em seu seio excelentes fábricas de cutelarias.

Conta 1570 pessoas dispersas por 310 agregados familiares, e tem como autoridades representativas os Srs. Padre António Francisco Ribeiro, respeitável e bondoso sacerdote paroquial, e Domingos de Freitas, Júlio Exposto e Manuel Dias Gomes, respectivamente Presidente, Secretário e Tesoureiro da Junta de Freguesia.

S. Martinho de Sande é uma espécie de metrópole no meio das outras freguesias também cognominadas de Sande.

Reitoria da Mitra e depois Comenda de Cristo, foi Mosteiro de Eremitas de Santo Agostinho, fundado em 392 por S. Profuturo, Arcebispo de Braga. Não se sabe como passou depois aos Bentos, mas parece que foi porque aqueles o deixaram. Nele estavam estes quando o Arcebispo S. Frutuoso o aumentou e lhes deu para pobres e hóspedes a igreja de Lusitínio no ano de 659.

Manteve-se este Mosteiro muitos anos em sua religião, mercê dos grandes tributos que pagava aos mouros, que o tinham em seu poder. Extinguiu-o o Arcebispo D. Fernando da Guerra, que o fez igreja secular no ano de 1444, confirmando Abade dela seu criado Francisco Vaz, Clérigo de Ordens menores, passando depois a Comenda.

Caminhos, Luz, Agua e Telefone

São estas as necessidades mais urgentes desta importante freguesia.

A Junta tem sido incansável na busca da solução para os variados problemas da sua freguesia. E conquanto tenha encontrado ambiente amigo no Município, do que resultaram algumas boas realizações, (parte ainda em curso), há ainda alguns esboços a vencer, o que significa precisar de ser mais forte e mais prodígia a benéfica ajuda da edilidade concelhia.

Na realidade, a par de caminhos em bom estado e de outros que se antevêm ficarem excelentes, há caminhos deploráveis, intransitáveis mesmo em certas ocasiões. Por este motivo urge que sejam reparados no seu piso, os seguintes: Santo Amaro, 4 Irmãos, Alvíte e ainda uns caminhos curtos e por sinal os que estão piores, em Rocha e Souto.

O problema da luz, é um autêntico quebra-cabeças. Estão os postes erectos e as instalações particulares e na cabine prontas. Mas falta simplesmente a corrente eléctrica, uma coisa simplíssima, mas que é, afinal, o *no górdio* da questão.

Francamente: o que está feito nada adianta quanto a benefícios imediatos. Por isso, deve quem de direito providencia para que a energia eléctrica bafeje os respectivos consumidores, que estão carecidíssimos e ansiosos de tal benefício.

ausência vou tê-la em breve. Será inevitável a saudade.

O Rev. Cônego Mouta Reis, em nome do Prelado da Diocese, associou-se à homenagem e encorrou a sessão.

Foram recebidos inúmeros telegramas de vários pontos do país e contavam-se por muitas dezenas, de que não podemos colher nota circunstanciada, as representações.

O digno Presidente das Oficinas e outras pessoas presentes eram portadores de inensas representações de pessoas que não puderam, por certo com o maior pesar, associar-se em presença àquela justíssima e oportuna consagração ao Vimaraneense prestimoso, ao Sacerdote exemplar, ao incansável Apóstolo da Caridade.

A Comissão de antigos alunos que fez entrega do anel episcopal ao Senhor D. Domingos, era constituída pelos Srs. António Pimenta Machado Júnior, Armando Maria Fernandes e António de Freitas.

D. fora de Guimarães vieram muitas pessoas assistir à homenagem significando o seu muito apreço e admiração pelo novo Prelado.

Julgamos nem ser preciso salientar a falta que esse elemento faz numa freguesia tão populosa e tão propícia ao desenvolvimento industrial.

O abastecimento de água está meio realizado. Para que fique completo e a remediar as necessidades locais, é mister construir mais duas fontes, uma no lugar das Gaíças, outra em Tarrio. E como complemento, são também precisos dois lavadouros.

A Câmara já prometeu a construção dessas fontes, mas a falta que elas fazem é tão grande, que não deixamos de focar aqui essa necessidade, para que dela se aperceba quem superintende no assunto.

Ainda sobre os lavadouros, sabemos ter a Junta conseguido água de consortes em Cima de Vila, para abastecer um lavadouro público. Mas não tem podido dar realização a essa comodidade local, porque o proprietário do terreno indicado se opõe à aquisição da faixa respectiva, o que, aliás, nos parece muito de censurar.

E finalmente, ao apresentarmos a necessidade da instalação de pelo menos um telefone público nesta freguesia, no lugar das Gaíças, julgamos não serem precisos argumentos justificativos de tal conveniência, pois a densidade populacional do meio e o seu próprio desenvolvimento industrial, que tende a aumentar sensivelmente, dão a ideia exacta dessa necessidade.

S. Lourenço de Sande

Quando chegámos a esta freguesia, deparamos logo com um caso absolutamente paradoxal: um dos principais caminhos, aquele que estabelece ligação mais directa entre esta freguesia e de Balazar, a quem venha das Taipas, é um... ribeiro!

Sim Senhores, um autêntico ribeiro, com água abundante, apesar do tempo estival que atravessamos, e ao qual nem sequer falta encoramento de água para regar!

E a par deste desconchavo, encontramos outros problemas de grande transcendência, que vamos expor em síntese.

Caminhos e Agua

O problema maior, nesta freguesia, é o estado lastimoso dos caminhos públicos.

O pior, aquele que nos deu a impressão desconcertante expressa na abertura das notas referentes a esta freguesia, é o das Barreiras a Vendas (Balazar), com comunicação para Longos.

Está este caminho permanentemente inundado de água, devido ao ribeiro de Vendas. Nesta quadra do tempo não é possível a passagem de gado e muito menos de pessoas, o que nos dá uma ideia do que será *aquilo* no inverno... E no entanto, é a única via de comunicação directa entre esta freguesia e Balazar e Longos, partindo-se das Taipas.

E como se fora pouco este precário estado, há ainda o facto de se proceder a empacotamentos de água no próprio caminho, para efeito de regas, o que não faz sentido, tanto mais que se trata de um caminho público, muito útil para o trânsito entre as partes interessadas.

Averiguámos haver um proprietário disposto a construir um caminho para si, paralelo a este, em terrenos que lhe pertencem ou que aquirirá. Mas sabemos que o mesmo fará reverter o custo desse seu caminho em favor do arranjo do que vimos a focar, desde que quem de direito compartilhasse o restante, que deve andar à volta de 25 contos, o que aliás não é pedir muito, pois o seu contributo seria sensivelmente igual, sendo ainda de considerar o auxílio da freguesia com carros, pedra, etc.

Portanto, se a Câmara quiser conceder este benefício à freguesia, por si ou por comparticipação do Estado, teria somente de contribuir com metade do custo da obra, visto que de dádiva particular apreciaria a outra metade, o que, na verdade, não é nada mau, com manifesta vantagem para ambas as partes e especialmente para a densa população que carece de transitar nesse caminho, o que vem

Ainda as FESTAS GUALTERIANAS

(Do enviado especial do "Comércio do Porto"):

Muitas pessoas do Porto ao depararem com a cor-ambiente e com as cem mil lâmpadas dispostas, com mestria, nas ruas, para estontear, numa orgia de luz, os olhos cansados pela escuridão da vida apagada e recatada de trabalho e de silêncio, ficaram presas de admiração e de encanto.

Ignoramos o que pensam de tudo isto, Armando Peixoto e Peixoto Braga que percorreram as ruas de Guimarães e apreciaram a «Marcha», visivelmente emocionados, mas outros portugueses disseram-nos, voluntária, espontaneamente: «As futuras

fazendo por carreiros e por mercê de boas vontades de alguns proprietários.

Além deste caminho, há outros que carecem de imediato arranjo, nomeadamente: a Estrada Velha que vai de Cima de Vila (estrada de Braga) até Vendas, onde se encontra com o das Barreiras, citado anteriormente; o que vai da Veiga aos Loureiros (S. Martinho de Sande), somente 310 metros de mau estado a pedir reparação e que muito jeito fazia aos operários que se deslocam para as oficinas de cutelarias naquela freguesia.

O abastecimento de água é outro problema que requiere as maiores atenções. Só os particulares fruem desse benefício, pois não há nenhuma fonte pública capaz, digna desse nome.

São precisos, pelo menos, dois fontanários públicos, para serventia do povo, um na Rechã e outro em Burgo. Neste último lugar há mesmo muita água, sendo preciso somente canalizá-la e construir o respectivo fontanário, este com lavadouro anexo. Há um proprietário que oferece a água, desde que os escorros sejam pertença sua.

Escola, Luz e Telefone

E' bom o edificio escolar, doação do saudoso benemérito Conde de Agrolongo. Mas carece de urgentes reparações no interior, que se apresenta em estado ruinoso.

Quanto à luz eléctrica, não obstante ser esta uma das primeiras freguesias a ser dotada com essa comodidade, continua sem os benefícios da mesma, situação que é muito lamentada.

Com realidade, há somente uns tantos postes ao alto, erectos por entre campos, quando podiam ter um traçado que beneficiasse alguns dos lugares mais populosos, assim como se verifica certo descontentamento por o concessionário levar a luz somente até à Igreja, deixando sem ela o centro, ou seja o lugar da Cancela.

Tal como noutras freguesias, também aqui não há telefone público, o que faz muita falta.

Eis em resumo, o quadro das necessidades vitais de S. Lourenço de Sande, a freguesia que outrora foi Vigarraria anexa à Comenda de S. Martinho, estando aqui situada a quinta de Braz Pereira Belião, curiosa por nela ter um labirinto de vides e árvores, que era coisa maravilhosa, e um notável viveiro de peixes, e hoje é um aglomerado de 760 almas que habitam em 185 fogos, sob a direcção espiritual do seu dedicado pároco Sr. Padre Porfírio António Antunes Simões de Almeida, e a administrativa dos Srs. José Gomes de Lima, José Luís Antunes e Leopoldo Marques de Castro, respectivamente Presidente, Secretário e Tesoureiro da Junta de Paróquia.

S. Clemente de Sande

No sopé do Monte de S. Bartolomeu, a cerca de 8 quilómetros da sede do concelho, está situada esta freguesia que conta 250 fogos e 1344 pessoas.

E' seu pároco o Sr. Padre António Vieira da Cruz, e a Junta de Freguesia é composta pelos Srs. Abílio da Silva Castro, António Ribeiro e Bento Ferreira, elementos que ocupam os postos de Presidente, Secretário e Tesoureiro, respectivamente.

Estas quatro individualidades não se têm poupado a esforços para fazer desta freguesia, antigo Mosteiro, de que há ainda vestígios, e depois Vigarraria anexa à Comenda de S. Martinho de Sande, uma zona progressiva, que proporcione aos seus habitantes algumas comodidades.

Mas apesar da sua abnegação em prol do bem comum, as necessidades primordiais continuam impávidas e serenas, causticando o povo com dificuldades e agruras.

Água, Luz, Telefone

São estas as três aspirações de vulto no meio local, pelas dificuldades que se registam e pela acção desenvolvidora que representariam.

O abastecimento de água é uma necessidade absoluta. A freguesia possui somente um fontanário, o que é muito pouco para as suas necessidades, tendo a quase totalidade da população de servir-se de charcos anti-higiênicos, do que resultam frequentes epidemias. Pode citar-se como exemplo, o sucedido no lugar de Vieite, há dois anos, onde adoceram com tifo mais de 30 pessoas que tiveram de ser internadas na Santa Casa.

São precisos pelo menos dois fontanários públicos, com os respectivos lavadouros, um no lugar da Tapada

ras comissões das festas da «cidade Invicta» poderiam vir aqui, a fim de receberem uma lição.

Guimarães é assim. Dá lições em tudo que possa reflectir-se no prestígio da sua terra.

... Não deve haver no Mundo outra cidade assim.

(Cópia da carta enviada ao director do "Comércio do Porto").

No seu conceituado jornal ao ler a reportagem do seu redactor que foi como enviado especial fazer a reportagem das Festas Gualterianas vi que esse redactor chama a minha atenção para a maneira superior como essas festas são feitas e muito especialmente a sua marcha luminosa e bem assim as iluminações das ruas.

Diz mais que não deve haver no Mundo um bairro de uma cidade como a de Guimarães no que eu estopro perfeitamente de acordo, e a propósito vou contar-lhe o que se deu com um Brasileiro que no Rio de Janeiro montou uma fábrica de cutelarias para fazer concorrência à indústria vimaranense; uma vez concluída a sua fábrica tratou de recrutar a maior quantidade possível de pessoal de Guimarães; e uma vez terminada a sua laboração, lançou no mercado o seu produto, dizendo os clientes que não se aproximava das facas de Guimarães, pois o seu afiamento era muito inferior; o proprietário arreluido chama esses operários perguntando-lhe a razão por que sendo eles de Guimarães não faziam artigo igual, tendo como resposta que lhes faltava a água de Guimarães. O industrial não acreditava nessa desculpa; e desejando certificar-se, mandou ir de Guimarães uma pipa de água. Quando ela chegou, e sem os operários perceberem mandou-a deitar em determinado depósito. No dia seguinte quando os operários de Guimarães começaram a trabalhar com essa água, fizeram a seguinte exclamação: «até parece água de Guimarães!»

Para ver as contrariedades que temos no Porto, vou contar-lhes algumas que são bem tristes e bem vergonhosas, para depois me dizer se é possível com tal gente fazer-se festas como em Guimarães.

Quando o ano passado pensamos numa marcha luminosa, a nossa maior preocupação era conseguir os peões para levarem as centenas de figuras luminosas e movimentadas; e, para não recorrermos aos garotos das ruas, conseguimos da Câmara os seus varredores a quem a Edilidade pagou sem trabalharem, e que nós prometemos gratificar.

Quer saber o que aconteceu? 50% das velas que estavam dentro das peças luminosas foram roubadas na parada dos Bombeiros onde a marcha se estava a organizar, e a maioria das peças movimentadas já estavam escangalhadas antes de saírem para a rua!

Ao recolher a marcha no Largo da Cordoaria, o ornamentista proprietário desse material, Sr. Cons-

e outro em Vieite, para o que bastaria somente regularizar e proteger a água já ali existente.

A luz eléctrica é um elemento aqui muito desejado e muito precioso para a montagem em algumas indústrias. O telefone é aqui considerado como uma necessidade primordial, por ser um agente sempre à mão para qualquer emergência, urgente ou normal.

Arranjo de Caminhos

— Vedação da Escola

Um dos problemas cruciais para a Junta, é o arranjo de caminhos, pois sendo uma operação dependente do seu agir, nada pode fazer por se encontrar exaurida de recursos e não poder estar a dispendir mais proventos pessoais.

E, contudo, a reparação dos caminhos que vão da Igreja a Paçó — com serventia para Marnel — e da Bouça ao Pinheiro, em ligação com o caminho que virá de S. Martinho de Sande, é uma absoluta necessidade, pelo que se apela para quem de direito no sentido de lhe ser concedida verba para tal efectivação.

Ainda neste âmbito de necessidades, impõem-se o empedramento da estrada que vai do Arquinho à Igreja e segue até ao lugar da Cobreira.

Outra dádiva que a Junta espera da Câmara e que lhe está prometida, é o numerário para a vedação da Escola, obra que se impõe, pois, tal como está, é frequente a invasão de animais, que danificam e sujam tudo, dando às crianças um ambiente fora de carácter e odores um tanto desagradáveis...

KINB.

ESCLARECIMENTO

Para que não surjam más interpretações sobre o nosso Inquérito às Necessidades das Freguesias do Concelho, esclarecemos que o nosso Jornal e a nossa missão nada tem de comum com outras actividades jornalísticas apresentadas com fim idêntico ao nosso, segundo anunciam, e orientadas ou protegidas por outras vias diferentes daquelas que temos seguido.

K.

obra e que tem feito parte de várias direcções daquela Casa, em seguida, umas actas da direcção do ano de 1920, através das quais todos puderam apreciar a dedicação sem limites que o bondoso Padre Domingos manifestou por aquela Instituição, que serviu durante 33 anos sem nunca consentir que lhe dessem um centavo sequer de remuneração.

Fez-se depois a entrega das vestes e do anel, acto que a assistência sibilhoun com estroandosa e demorada salva de palmas.

Então, o Sr. Dr. António Gonçalves Loza Júnior, de Lisboa, em nome dos antigos alunos, pronunciou um brilhante discurso, sendo muito aplaudido. O orador disse:

«Quisera que fosse eu a dizer da saudade que nos fica — a nós educadores, educados e educandos — hoje que vemos partir o fundador e alma desta Casa. E como dentro destas paredes sempre cumprimos ou procurámos cumprir o nosso dever, não disse que não. Se as breves palavras que vou pronunciar saírem desataviadas, não estranheis: ditou-as, não a inteligência, mas o coração...»

O destino, em suas andanças, empurrou-nos para longe daqui. Nove anos decorreram, após a nossa partida em busca do futuro. Mas nem o tempo nem a distancia foram capazes de varrer do espirito as recordações daqui levadas, sem dúvida as mais gratas e mais vivas da nossa existência ao serviço da educação e do ensino. Se fálasse apenas no meu próprio nome, reproduzir-vos-ia algumas, crente naquele velho ditado de que «recordar é viver», ao mesmo tempo que esperando em que pudessem constituir lição para os novos que me escutam. Assim não faço.

Não há muito tempo, assistia, numa igreja de Lisboa, à missa dominical. Na altura da homilia subiu ao púlpito um sacerdote, de aparência modesta, rude talvez, mas de uma expressão que irradiava bondade. Não o conhecia. Ouvi-o iniciar a sua preleção. Não lhe descobri dotes oratórios que fizessem adivinhar nele um Bossuet ou Vieira. Mas sentiu-se que as palavras lhe brotavam do coração... A nossa curiosidade avivou-se: quem era aquele sacerdote que pedia aos fiéis que se lembrassem da «Casa do Gaiato», de Lisboa? Ouvi-lhe, quase despercebidamente, falar em Padre Américo. Eu, repito, não conhecia o grande educador, nem me foi dado ainda contemplar com estes meus olhos a obra do Flanagan português. Mas tinha o seu culto. Ansiava pelo dia em que um e outro me fossem revelados. E foi com a mais religiosa atenção que lhe ouvi e senti a súplica. Com que modéstia e com que devoção não descrevia algumas passagens da sua via-sacra de amor pelos humildes e pelos miseráveis! Aqui é um faminto, tirando de fric, recusando, manhã cedo, no caixote do lixo, restos — não eram as migalhas de 900 falo o Evangelho, acrescentava — com que enganar a fome. Além não uns braços inocentes — não há crianças criminosas, sustenta — que se lhe estendem através das grades da prisão. Acorrem de todos os lados, rondam-lhe a porta, legiões de desgraçadinhos.

Encantaram-me e edificaram-me as palavras do Padre Américo; poucas vezes me surgiram mais belas as palavras do Mestre da Galileia, quando pediu que lhe deixassem ir as crianças-nhas.

Ora, aquela alocação, como aconteceu em circunstâncias análogas, fez-me recordar no tempo. Transportou-me, em espírito a esta casa, onde primeiro fui professor e onde mais aprendi do que ensinei. Através de centenas de cérebros a que procurei levar a luz do saber, e de tantas outras almas a que busquei dispensar os benefícios da educação, nunca me foi dado surpreender a vida nos seus aspectos mais flagrantemente, por vezes tragicamente flagrantemente, como nesta casa. Foram estes, sem dúvida, os alunos mais humildes; mas foram também — que os outros não se ofendem com a minha sinceridade — foram também os melhores. Eles sabiam que, ao partir, os levava — e com eles a casa — no coração.

Há, porém, coincidências estranhas: no mesmo dia em que assim revivia o passado chega-me uma notícia que, se por um lado me alegrava, por outro entristecia-me. — O Sr. Padre Domingos — seja-me lícito empregar pela última vez — havia sido elevado à dignidade episcopal.

Excelsíssimo e Reverendíssimo Senhor: o tmoineiro da Barca de Pedro chamou-vos a um lugar mais alto. Tira-vos um rebanho; confia-vos outro maior. Em boas mãos fica o báculo de pastor. Não as há mais possantes, nem quem mais ame as suas ovelhas.

As nossas Oficinas ficam sem vós... Deus assim o ordena, pela voz do seu Pontífice. E nós obreiros e comparticipes da obra que foi e será certamente o vosso maior título de glória, rendemos-vos a mais sentida homenagem de gratidão e de saudade.

Seguiram-se alguns recitativos, apropriados, pelos internados daquela casa, após o que o Senhor D. Domingos da Silva Gonçalves se levantou para agradecer.

Com a emoção a embargar-lhe a voz, bondoso sacerdote teve para todos os presentes e mesmo para os amigos ausentes uma palavra de agradecimento. Aos seus rapazes — os rapaziños das Oficinas — dirigiu também palavras ternas e, a terminar, afirmou o seu muito amor por Guimarães e pelas suas Oficinas.

A saudade — disse — é filha do amor e da ausência. Amor por esta Terra e pela sua boa gente não me falta. A

Noiva Tourada
no dia 5 de Setembro

No próximo dia 5 de Setembro realiza-se na nossa Praça de Touros uma nova e sensacional Corrida em que tomarão parte os Cavaleiros Murteira Correia, José Rosa Rodrigues e Manuel Conde e o Espada Augusto Gomes, estando a despertar em todo o norte a mais viva ansiedade.

Sabemos que é já bastante elevado o número de marcações de bilhetes, pelo que tudo nos leva a crer que a nossa Praça registará no dia 5 uma grande enchente.

Os bilhetes estão à venda na Casa Ferreira da Cunha a partir de hoje. Por expressa ordem da Empresa não se fazem marcações.

Por determinação da Inspeção Geral dos Espectáculos é expressamente proibido atirar com almofadas para a arena.

tantino Lira, de Felgueiras, e que tinha camiões para carregar todo esse material viu, com o maior espanto, que todos os portadores dessas figuras davam a fugir com todas essas decorações, que os portadores dos carros escangalhavam tudo para fugirem também com todo esse material, e assim os camiões regressavam a Felgueiras completamente vazios sem levarem uma única peça!

Este ano, para fazermos uma marcha sem peões, mandámos distribuir centenas de bengalas de fogo de artifício pelos bombeiros que ocupavam as respectivas viaturas, mas estes cavaleiros acharam mais prático distribuir esse fogo, aos pacotes, pelo caminho do percurso, e as pessoas conhecidas; e assim a marcha teve de ir às escuras.

Quando a iluminação vou referir-me à mais falada que foi a da Avenida dos Aliados: Abrimos vários concursos, e para essa Avenida a melhor apresentada era desenhada por um aluno arquitecto e executor, e o apresentador era um engenheiro da maior respeitabilidade de quem fechamos o respectivo contrato.

Porém a sua execução foi a vergonha que se viu, pois não a sabiam executar e não foi concluída. O que aconteceu com a Avenida, aconteceu com as Praças da Liberdade e Almeida Garret, que eram do mesmo executor e do mesmo contrato.

Ninguém mais que a comissão executiva lamenta a vergonha destas decorações e tanto assim que tendo feito um contrato com o decorador por 70 contos viu-se obrigada no final do pagamento a fazer-lhe uma redução de 40%, tendo recebido a menos 28 contos, liquidação ainda muito generosa.

São pormenores que convém saber-se para compreenderem o nosso trabalho e o nosso sacrifício, com contrariedade de toda a ordem.

Em Guimarães há como diz muito bairrismo e tudo são dedicações para bem servir a sua terra, para o seu engrandecimento e prestígio.

A sua marcha é posta na rua com 50% de crianças que levam nas mãos essas melindrosas decorações movimentadas que recolhem sem a mais leve deterioração. As iluminações são desenhadas por filhos da terra, como por exemplo o devoto bairrista Professor José de Pina que colaborou com verdadeiro amor nas suas festas sem o mais pequeno interesse e com o único fim de bem servir e engrandecer a sua terra.

As festas de Guimarães com tanto bairrismo e dedicações só custam 500 contos, quando as festas do Porto custam 1.600 contos!

Para terminar, vou responder ao estimado redactor do «Comércio do Porto» que desejava como eu desejava que as Festas do Porto fossem como as de Guimarães, o que os artistas vimaranenses disseram ao industrial Brasileiro, que me mande para sua execução a gente de Guimarães.

Porto, Agosto de 1948.

Armando Peixoto

MATAR SAUDADES

O que na Oliveira logo de princípio me chocou foi a grande afluência de pessoas que iam buscar ao sagrado tribunal da penitência alívio para os males da sua alma. E felizmente não faltavam ali obreiros de Deus prontos a cicatrizar e a balsamar todas as feridas da alma: além do meu saudoso primo sr. Padre João, eram assíduos no confessionário o virtuoso professor do Internato sr. Padre Domingos José da Costa Araújo, o director do mesmo Internato sr. Padre José Maria da Silva; outros sacerdotes davam a sua

Peregrinação à Penha

No dia 12 de Setembro, vai realizar-se com grande importância a Peregrinação anual em honra da Virgem da Penha, esperando-se que aquela manifestação de fé seja presidida por um ilustre Prelado.

Oportunamente será publicado o programa das solenidades que no referido dia hão-de realizar-se em louvor da Mãe de Deus e Rainha de Portugal.

A Comissão promotora da Peregrinação de que faz parte, como de costume, a Mesa da Irmandade de N.ª S.ª do Carmo da Penha a que dignamente preside o Sr. Dr. Rocha dos Santos, emprega os seus melhores esforços no sentido de imprimir à manifestação em referência, que todos os anos atrai a esta cidade incalculável multidão de fiéis, o maior esplendor.

A todos os párocos e às associações religiosas do concelho vai ser dirigido um convite para que colaborem nessa manifestação em honra da Excelsa Mãe de Deus. Sabese já que, como de costume, os concelhos limítrofes se farão representar condignamente na Peregrinação.

Rotary Club de Guimarães

Sob a presidência do Sr. Dr. José da Conceição Gonçalves, reuniu na 3.ª feira o Rotary Club de Guimarães, achando-se presentes diversos companheiros do Porto entre os quais o Sr. Alberto Hardy, que assiste frequentemente às sessões de Guimarães, numa prova de simpatia por Guimarães, que nos apraz salientar. Como convidados de honra também assistiram à sessão Mr. Natanel Abramoff e Madame Natanel que foram muito saudados por todos os assistentes após a sua apresentação feita pelo rotário português Sr. Lino Matos Nascimento.

Usaram da palavra para fazerem interessantes comunicações e apresentarem curiosas «actualidades» os rotários: Lino Matos Nascimento, Domingos Ferreira e Beraardo de Sá, do Porto; Escultor António Azevedo e António de Sousa Lima, de Guimarães.

Este último aproveitou a oportunidade para manifestar o melhor reconhecimento junto do casal francês presente pelo facto de a *Radio-diffusion Française* se ter referido em termos muito lisonjeiros a Guimarães e às suas festas tradicionais há pouco realizadas.

Ao encerrar a sessão o Sr. Dr. José Gonçalves, agradeceu a comparação dos companheiros do Porto, assim como a honrosa visita do casal francês, a todos desejando as maiores prosperidades.

Marcha Gualteriana

Da Comissão Organizadora da Marcha Gualteriana, a que presidiu o nosso bom amigo Sr. Amadeu Guimarães, incansável Presidente do Sindicato Nacional dos Caixeiros, recebemos um cativante officio de agradecimento pela colaboração prestada pelo nosso jornal.

Nada tem que agradecer-nos a briosa Comissão que tão brilhantemente se houve na execução daquela número extraordinário. Nós, como ela, tivemos apenas em vista trabalhar pelo bom nome e engrandecimento da Cidade.

Todavia queremos manifestar o nosso profundo reconhecimento pela atenção do seu officio.

mão quando era preciso, e a matéria prima não costumava faltar.

O servo da igreja era então um bom velho, o sr. Joaquim; mas havia três ou quatro co-reiros para ajudar às Missas e ao outro serviço que em geral se prolongava até ao meio dia, ou passante. Eu era talvez o que menos confessava na Oliveira, porque tendo-me meu primo encarregado da capelania de S. Domingos de cima quando voltava a casa tomava o café, já o grosso da gente devota tinha escoado a Oliveira.

Para não perder o vezo, de vez em quando amouchava e lá tinha de me meter à cama a curar as terríveis enxaquecas. Meu primo não me levava a mal, nem podia levar; mas quando se apercebia do facto,

Teve grande solenidade a COMEMORAÇÃO da BATALHA DE ALJUBARROTA

Revestiu-se da costumada imponência, registando uma grande concorrência de pessoas, entre as quais se se viu o Chefe do Distrito, Sr. Major Armando Nery Teixeira, Presidente da Câmara Municipal, Vereadores Sr. Comendador Alberto Pimenta Machado, João Rodrigues Martins da Costa (Aldão) e demais Autoridades locais e outras pessoas de representação da cidade e ainda o Arcipreste Rev. António de Araújo Costa, em representação do Venerando Primaz das Espanhas, a festa comemorativa da Batalha de Aljubarrota, ontem realizada, junto ao histórico Templo de N. Senhora da Oliveira, no Padrão de N. S.ª das Vitórias.

Pouco passava das 10 e meia horas quando começou a missa campal, celebrada pelo Rev. Cônego Alberto da Silva Vasconcelos, acolitado pelos Revs. Comendador Augusto Borges de Sá e Luís Gonzaga da Fonseca, servindo de mestre de cerimónias o Rev. Gaspar Nunes.

A guarda de honra foi feita por uma Lança da Legião Portuguesa. Ao evangelho, o Rev. Dr. José de Jesus Ferreira, nosso contrarrâneo, formado em teologia pela Universidade de Comillas (Espanha), subiu ao púlpito e proferiu um notável discurso, através do qual salientou alguns dos factos que mais ilustraram as brilhantes páginas da nossa História Patria.

Escutado por um auditório numeroso e distinto, entre o qual se viam muitas senhoras e os representantes de diversas corporações culturais, religiosas, económicas, corporativas, etc., o erudito orador em todos deixou uma agradável impressão. O Largo fronteiro ao Templo apresentava um aspecto festivo, com colgaduras nas sacadas dos prédios e bandeiras.

Finda a allocução, a missa prosseguiu, tendo recebido, no final, os cumprimentos da assistência, o ilustre Chefe do Distrito e o representante do Prelado.

A' noite e conforme estava anunciado, efectuou-se uma grande Procissão de Velas, em que a Imagem da Padroeira foi conduzida em triunfo pelas ruas da cidade até junto do nosso venerando Castelo. Hoje realiza-se a majestosa Procissão de Nossa Senhora da Oliveira.

Depois das Festas da Cidade

A Comissão Executiva das Festas da Cidade, ao ter conhecimento do desastre ocorrido na madrugada do dia 3 no lugar de Rebordões, Sanro Tirso, quando um grupo de pessoas regressavam desta cidade, onde vieram assistir às Festas, à cidade do Porto e que originou a morte do industrial Sr. José Maria Machado e do Professor Augusto Nascimento Batista, endereçou officios às famílias das vítimas, lamentando a horrorosa tragédia e acompanhando-as no seu enojo desgosto.

Agressão

Gravemente agredida, por malvadez, a sóco e a pontapé por um indivíduo que indicou, deu entrada no hospital da Misericórdia desta cidade a infeliz Rosa Ferreira, viúva, de 40 anos, natural da freguesia de Sande e residente no lugar da Pedreira da mesma freguesia.

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Pereira, ao Largo Prior do Crato.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos: No dia 11 de Julho, D. Maria Irene F. Cabral Ferraz; no dia 16 de Agosto, a senhora D. Nélia de Castro Guise, filha do nosso bom amigo sr. Manuel de Sousa Guise e o nosso bom amigo sr. Armando da Cunha Mendes, hábil contabilista; no dia 18, a senhora D. Maria de Belém Teixeira Mendes de Oliveira e o nosso bom amigo sr. António Augusto de Almeida Carneiro; no dia 20, a senhora D. Maria Emilia Marques Rodrigues, do Pevidém e o nosso bom amigo sr. Martinho Gonçalves de Moura, residente em Braga; no dia 22, a senhora D. Maria do Carmo Pereira da Cunha e Castro e os nossos bons amigos sr. Dr. Manuel Bernardino de Araújo Abreu, distinto Conservador do Registo Civil e Benjamim Pereira dos Santos. Noiteias de Guimarães apresentam-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

No dia 21 completa 11 anos o nosso amiguinho Eduardo Borges Soares. Muitos cumprimentos.

Partidas e chegadas

Acompanhada de suas gentilíssimas filhas, encontra-se, nas Pedras Salgadas, a senhora D. Adelina de Sousa Guise. Com sua família encontra-se a veranear, em Vizela, o nosso bom amigo sr. Guilherme Pinto. Com suas famílias partiram para a Póvoa de Varzim os nossos prezados amigos sr. Dr. Joaquim de Oliveira Torres, Dr. Júlio Carlos Gomes dos Santos, Manuel C. Martins, Joaquim da Silveira Xavier e João Mendes Fernandes. Da mesma Praia regressou, com sua família, o nosso bom amigo sr. José Barbosa de Abreu. Estiveram em Lisboa os nossos prezados amigos sr. José Torcato Ribeiro e Simão Ribeiro de Almeida. Partiu para as suas propriedades de Brites e o nosso prezado amigo sr. Tenente Coronel Francisco Martins Ferreira. Com sua família partiu para a Póvoa de Varzim o nosso bom amigo sr. António de Almeida Cabral. Com sua família regressou da mesma Praia o nosso bom amigo sr. João R. Martins da Costa (Aldão). Com sua família partiu para Chaves o nosso prezado amigo sr. Aníbal Dias Pereira. Cumprimentámo-nos, nesta cidade, o nosso bom amigo sr. José Joaquim de Oliveira, do Porto. Encontra-se entre nós o nosso bom amigo sr. Dr. Joaquim Armando da Silveira Crespo Guimarães. Regressou de Lisboa o nosso bom amigo sr. Manuel Alberto da Silva Lopes. Com sua família encontra-se a veranear na Póvoa de Varzim o nosso amigo sr. António José Pereira Rodrigues. Com sua família encontra-se nas suas propriedades de Nespereira o nosso prezado amigo sr. Dr. João Rocha dos Santos. Com suas famílias encontram-se a veranear na Póvoa de Varzim os nossos bons amigos sr. Dr. João António de Almeida, João Afonso de Almeida e José Maria de Castro Ferreira; Eduardo Lemos Mota e Alexandrino G. de Almeida. Encontra-se a veranear em Vinhais o nosso prezado amigo sr. Dr. Manuel José Ferreira da Costa, distinto Prof. do Liceu D. João III. Com sua família encontra-se a veranear na Figueira da Foz o nosso prezado amigo sr. Leandro Martins Ribeiro, muito digno gerente do Banco Nacional Ultramarino. Também se encontra ausente, com sua família, em gozo de férias, o nosso prezado amigo sr. Dr. Eduardo Borges de Mascarenhas, ilustre advogado-notário. Com sua esposa e filha encontra-se a veranear na Estância da Penha

Teatro Jordão APRESENTA HOJE, às 15 e às 21,30 h.

UM GRITO NA NOITE

COM: MARIA EDUARDA GONZALO, JOÃO FERREY, MÁRIO SANTOS e EMÍLIA CORREIA. O drama de um amor singelo e humilde, numa terra de homens valentes e leais.

Quarta-feira, 18, às 21,30 horas: ALVES DA CUNHA, RIBEIRINHO, ESTEVÃO AMARANTE e ANTÓNIO SILVA, em

FEITIÇO DO IMPÉRIO
Quer rir? Quer ver coisas novas? Vá ver FEITIÇO DO IMPÉRIO.

Sexta-feira, 20, às 21,30 horas: O filme que consagrou definitivamente o cinema português

AMOR DE PERDIÇÃO
COM: ASSIS PACHECO, ANTÓNIO SILVA, ANTÓNIO VILAR, BARRETO POEIRA, etc.

o nosso prezado amigo sr. Francisco Vilarinho. — Acompanhado de sua esposa esteve nesta cidade o antigo e estimado professor, sr. António José de Oliveira, a quem tivemos o prazer de cumprimentar.

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

Dr. Teodoro Teixeira Pita

Em Coimbra, no Hospital da Universidade onde se encontrava internado há algumas semanas por motivo de uma grave enfermidade de que foi acometido, finou-se no penúltimo sábado o Sr. Dr. Teodoro Teixeira Pita, de 68 anos, natural da Porta do Sol, Ilha da Madeira, Conservador do Registo Predial no Porto, casado com a Sr.ª D. Maria da Conceição Barros Pita, pai da Sr.ª D. Maria da Conceição Barros Pita de Meneses e Castro, esposa do Sr. Dr. João Teles de Melo e Castro.

O extinto viveu durante alguns anos nesta cidade onde desempenhou o cargo de Conservador do Registo Predial e desempenhou por vezes as funções de Juiz substituto da Comarca.

Contava no nosso meio muitas simpatias sendo por isso bastante sentida a sua morte. A' família dorida apresentamos condolências.

Ana de Magalhães

Por alma desta bondosa Senhora que foi mãe adoptiva de inúmeras



gerações de estudantes que passaram pelo nosso Liceu, rezou-se na segunda-feira passada uma missa no templo de Nossa Senhora da Oliveira.

O acto esteve concorridíssimo, constituindo por isso nova e bem significativa homenagem à memória da santa velhinha que toda a cidade estimava e respeitava pelas suas preclaras virtudes.

De luto

Pelo falecimento de sua mãe ocorrido recentemente em Coimbra, encontra-se de luto o Sr. Dr. Alberto Pita da Costa, Delegado do Procurador da República desta Comarca a quem endereçamos o nosso cartão de condolências.

— Estão de luto pelo falecimento de uma sua cunhada e tia, respectivamente ocorrido em Matosinhos, o nosso bom amigo Sr. João Rodrigues Loureiro e a esposa do nosso bom

amigo Sr. Manuel Soares Moreira Guimarães. O nosso cartão de condolências.

D. Rosa Ermelinda de Jesus Abreu

Com 91 anos de idade faleceu no dia 28 de Julho em S. Martinho do Conde, a Sr.ª D. Rosa Ermelinda de Jesus Abreu, descendente da Casa da Varzea, da freguesia de Serzedelo, tia do Sr. Manuel Lopes Marques de Abreu, e aparentada com uma das melhores famílias da Vila de Santo Tirso.

Comemoração fúnebra

Tendo ocorrido no dia 13 mais um aniversário do falecimento da Sr.ª D. Maria Amélia Fernandes Pimenta da Cunha Guimarães, celebrou-se na igreja de S. José, na Póvoa de Varzim, onde seus pais acidentalmente se encontram, um terço de Missas por sua alma, acto que teve uma numerosa assistência.

Manuel Ferreira da Costa

Na sua residência à rua de Francisco Agra, finou-se o antigo industrial sr. Manuel Ferreira da Costa, que foi por vezes director da Associação da S. M. Artística Vimaranense, tendo trabalhado arduosamente pelo progresso da mesma Instituição.

O seu funeral efectua-se hoje às 10 horas para o Cemitério Municipal.

Pêsames à família dorida.

Joaquim Mendes Guimarães

No Porto, no Hospital da Ordem do Terço finou-se ontem o nosso contrarrâneo sr. Joaquim S. Boaventura Mendes Guimarães, pai do Sr. António Teixeira Mendes irmão dos nossos prezados amigos e conceituados industriais Srs. José e Francisco Mendes Guimarães e da Sr.ª D. Dolores Mendes Guimarães e cunhada dos também nossos contrarrâneos e amigos e importantes industriais sr. Lino Teixeira de Carvalho, Francisco Teixeira de Carvalho, Manuel Teixeira de Carvalho, António Teixeira de Carvalho e Afonso Teixeira de Carvalho.

A inesperada notícia foi bastante sentida. A' família dorida apresentamos condolências.

Beneficência do «Notícias»

Transporte . . . 1.033\$20
Recebemos do Sr. Francisco Vilarinho, para os nossos pobres . . . 100\$00
A transportar . . . 1.182\$20

AVISO

A Sub-Delegada da M. P. F. de Guimarães comunica que o 2.º turno da Colónia de Férias principia em 20 do corrente mês assim como os cursos de Graduados.

O 3.º turno dos cursos secundários e primários têm o seu início em 10 de Setembro. 938 Guimarães, 9 8-948.

Mas o que mais me faz lembrar da Oliveira, é a tragédia da célebre pneumónica. Quantas vezes lá tive de ir de noite, com o sacristão, a buscar o remédio para as almas que a morte ameaçava mais de perto! Lembro-me muito bem de que o primeira pessoa a quem *sacramentei*, morava numa casa pegada à do sr. dr. Mota Prego, e quase em frente do tribunal. Como nunca tinha sido cura de almas, nunca assistira a morte alguma; não posso esquecer a dolorosa impressão que me cortou o coração, quando vi a alma escapar-se daqueles olhos de mulher nova, mãe de filhos que gemiam e choravam desesperadamente. Passava pouco da meia-noite!

Lido e propagal e «Notícias de Guimarães»

ANÚNCIO

Faz-se público que por escritura de 7 de Agosto do corrente ano, lavrada a fls. 86 e seguintes, do respectivo livro n.º 527, do cartório a cargo do notário na Secretaria Notarial da Comarca de Guimarães, Ernesto Ramos Faisca, foi alterado o pacto social da firma José Mendes de Oliveira & C.ª, L.da com sede nesta cidade, passando a ter a seguinte redacção.

1.º

A sociedade continua a adoptar a firma José Mendes de Oliveira e C.ª, L.da e a ter a sua sede e o seu estabelecimento nesta cidade de Guimarães.

2.º

O seu objecto é o exercício do comércio e indústria de Pentes, artigos de galalite e de celuloide e o de qualquer outro ramo que resolva explorar em seu nome ou associada a outrem dentro dos limites da lei.

3.º

A sua duração é por tempo indeterminado.

4.º

O capital social continua a ser da quantia de 100.000.000, em dinheiro, já realizado, dividido em duas quotas, sendo uma de 50.000.000, pertencente à societária D. Maria Cristina e outra de 50.000.000 pertencente à societária D. Maria Isabel.

5.º

Não haverá prestações suplementares, mas qualquer dos sócios poderá fazer à caixa social os suprimentos que forem necessários, ficando as respectivas importâncias a vencer os juros que as sócias entre si combinarem, caso a sociedade não prefira recorrer ao crédito particular.

6.º

Todos os sócios são gerentes sem obrigação de caução.

7.º

O uso da firma social ficará pertencendo exclusivamente a um gerente delegado, que será o único que poderá obrigar a sociedade e representá-la activa e passivamente em Juízo e fora dele.

§ único

Fica desde já nomeadas gerente delegado a sócia D. Maria Cristina Pereira da Silva Oliveira, e nos seus impedimentos ou ausências serão as suas funções exercidas por um substituto escolhido pela Assembleia Geral.

8.º

Os anos sociais serão os civis.

9.º

Os balanços fechar-se-hão em 31 de Dezembro de cada ano.

10.º

Dos lucros da sociedade apurados em cada balanço separar-se-hão primeiro a percentagem de 5% para fundo de reserva legal e bem assim as importâncias que foram votadas para as amortizações que a sociedade resolva fazer, ou para qualquer outro fim; o remanescente será para dividendo aos sócios na proporção das suas respectivas cotas.

11.º

A sociedade reunirá ordinariamente nos primeiros três meses de cada ano, a-fim de verificar, aprovar e assinar o balanço da sociedade relativo ao ano anterior, e extraordinariamente sempre que seja necessário. As convocações para as reuniões da sociedade serão feitas por cartas registadas com aviso de recepção, aos sócios

dirigidas com antecedência de 15 dias, pelo menos, sendo porém dispensada esta formalidade sempre que todos os sócios estejam presentes e a dispensem.

12.º

A cessão de cotas fica dependente ao consentimento da sociedade, à qual é, em todo o caso, reservado o direito de preferência. — Não usando a sociedade do direito de preferência este competirá a qualquer dos sócios, e, querendo mais de uma a cota será dividida pelos que a quiserem, na proporção das suas respectivas cotas, salvo qualquer acordo contrário.

13.º

Não obstante o que fica estipulado no artigo precedente, a cessão total ou parcial de uma cota a favor de qualquer sócio ou de seus descendentes, irmãos ou sobrinhos em primeiro grau não carece de autorização da sociedade.

14.º

A sociedade não se dissolve por morte ou interdição de qualquer sócio.

§ 1.º

No caso de interdição continuará o interdito na sociedade devidamente representado pelo seu representante legal; no caso de falecimento da sócia D. Maria Cristina Pereira da Silva Oliveira, será a sua cota dividida pelos seus herdeiros legítimos, na proporção legal dos respectivos quinhões; no caso de falecimento de qualquer outro sócio ficará a sua cota para os seus herdeiros legítimos não afins também na proporção legal, respeitando-se todavia qualquer disposição testamentária a favor de algum ou de alguns dos mesmos herdeiros legítimos.

§ 2.º

Qualquer sócio pode porém afastar-se da sociedade, assim o comunicando em carta registada com aviso de recepção com a antecedência de 15 dias, recebendo o que se apurar pertencer-lhe pelos valores reais e actuais em 8 prestações trimestrais acrescidas do Juro do Banco de Portugal.

15.º

A sociedade pode deliberar a amortização de cotas, nos seguintes casos; a) quando alguma cota sofrer arresto não embargado, ou for penhorada ou por qualquer forma obrigada; b) quando alguma cota for cedida ou transmitida a estranhos, em contrário do Pacto Social e sem consentimento da sociedade, se a sociedade, não preferir usar do direito de opção, sendo caso disso; c) quando se mostre por sentença passada em julgado, que algum dos sócios prejudicou a sociedade, ou os responsabilizou indevidamente e quando o Pacto Social ou a Lei lho vedem.

§ único

A amortização considera-se feita pelo depósito na Caixa Geral de Depósitos Crédito e Previdência da quantia que pelo último balanço corresponder à cota amortizada, acrescido do que proporcionalmente lhe couber no tempo decorrido desde esse último balanço.

16.º

No caso de dissolução da sociedade serão liquidatários todos os sócios, mas desde já estipulam o direito de licitação em globo de todo o activo e passivo da sociedade se todos os sócios nisso concordarem, pois, na falta de esse acordo, far-se-há a licitação de valores agrupados pela maneira que a maioria dos sócios determinar. Se a sociedade tiver alguma cota ou quaisquer interesses noutra empresa, essa cota ou interesses serão divididos pelos sócios proporcionalmente às

Santa Casa de M. de Guimarães

sessão de Mesa de 5 de Agosto de 1948

Sob a presidência do Ex.º Provedor, Sr. Mário de Sousa Menezes, reuniu a Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia.

— Aberta a sessão, foi tomado conhecimento de um officio do Agente do Ministério Público do Tribunal de Trabalho, de Braga, a comunicar que, por sentença do Meretíssimo Juiz, foram mandados arquivar os autos de execução intentada pela Casa do Povo de Serzedelo contra esta Misericórdia. Igualmente foi tomado conhecimento da cópia da respectiva sentença.

— Foi apreciado um pedido da Caixa Sindical de Previdência dos Operários do Distrito de Braga sobre os serviços hospitalares a prestar aos seus beneficiários, resolvendo a Mesa, a título provisório, receber esses beneficiários nas mesmas condições em que são recebidos os beneficiários da Caixa da Indústria Textil.

— Pelo Sr. Provedor foi lida uma exposição da Santa Casa da Misericórdia do Porto sobre a futura organização das Misericórdias, exposição que foi devidamente apreciada pela Mesa, tendo-se acordado em corroborar o ponto de vista da Misericórdia do Porto.

— A Mesa resolveu officiar ao Sr. Director Clínico a fim de Sua Ex.ª dar o seu parecer sobre o facto de haver ou não necessidade de um médico em serviço permanente no Hospital e de em caso afirmativo, indicar as condições em que esse serviço se poderá conseguir, o que será proposto às Instâncias Superiores.

— O Mesário, Sr. Camilo Laranjeiro dos Reis, comunicou estarem concluídas as obras de reparação nos telhados da Igreja da Misericórdia e dependências anexas.

— Verificou-se estarem cumpridos todos os legados; apreciou-se o balance do cofre, apresentado pelo Sr. Tesoureiro e registaram-se os seguintes donativos.

Da Comissão da Queima das Fitas da Universidade do Porto, 1.904\$90; Gaspar dos Anjos Machado, 150\$00; Alberto Costa, 100\$00.

Finalmente, foram tratados outros assuntos respeitantes à administração desta Instituição.

FRANCISCO DA CUNHA MOURÃO

Agradecimento

A Família do saudoso Francisco da Cunha Mourão julga ter cumprido o dever de agradecer a todas as pessoas que se lhe dirigiram associando-se ao enorme desgosto porque passou e tomaram parte nas homenagens prestadas ao querido morto, mas rezeando que tenha cometido alguma falta, embora involuntariamente, por deficiência de endereços ou qualquer lapso, vem por esta forma manifestar publicamente o seu indelével reconhecimento a todos quantos, em tão doloroso transe, quiseram honrá-la com a sua amizade, compartilhando da dor que tão inesperadamente a feriu.

Guimarães, 14 de Agosto de 1948.

A FAMÍLIA.

suas cotas, desde que o respectivo contracto social assim o permita, salvo qualquer accordo contrário.

17.º

Em tudo o mais regularão as disposições do direito applicável e as deliberações tomadas em reunião dos sócios.

Guimarães, 21 de Agosto de 1947.

O ajudante da Secretaria Notarial,

Martinho da Silva.

Interesses de Guimarães

Do Grémio do Comércio de Guimarães, recebemos o seguinte officio:

...Senhor Director do «Notícias de Guimarães».

Para inteiro conhecimento público, cumpre-me a honra de transcrever o texto dum officio recebido da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses e subscrito pelo Engenheiro Chefe do Serviço do Movimento, Sr. J. P. Almeida Henriques:

«Respondendo à carta de V. Ex.ª n.º 32/48, de 30 de Junho p. p., endereçada à Direcção Geral desta Companhia, cumpre-me informar que, a partir do dia 11 do corrente, o comboio n.º 7.612, que parte de Guimarães às 18,40, passa a admitir passageiros para qualquer destino, ficando assim, em parte, atendida a pretensão de V.ª.

Com as minhas mais efusivas saudações, me subscrevo e assino muito atenciosamente de V. Ex.ª

A Bem da Nação.

Guimarães, 10 de Agosto de 1948.

O Presidente da Direcção,

António Emílio da Costa Ribeiro

Registamos com muito prazer o deferimento de tal pretensão.

«Marcha Gualteriana»

AGRADECIMENTO

A Comissão Promotora da «Marcha Gualteriana», do ano corrente, vem tornar público o seu indelével reconhecimento a todos quantos a auxiliaram na confecção e organização da mesma, e, também, patentear a sua sincera gratidão ao indefectível vimezanense e prestante cidadão, Sr. Professor José Luis de Pina, pela sábia orientação emprestada e assiduidade posta nos trabalhos.

Sem o concurso de tais valores, ser-lhe-ia impossível imprimir ao número Um do programa das Festas da Cidade o brilhantismo que alcançou no presente ano, como impossível seria também corresponder à expectativa dos milhares de forasteiros que, na noite de 2 de Agosto, a esta vetusta cidade vieram para assistir à passagem do cortejo luminoso que é, sem dúvida, único no País.

Julga, pois, ter cumprido o seu indelével dever.

Guimarães, 10 de Agosto de 1948.

Pela Comissão Promotora,

Amadeu Guimarães.

Casa dos Pobres

Pelo Fundo do Socorro Social, foi concedido o subsidio eventual de 30 contos à Casa dos Pobres, desta cidade, para aquisição de um fogão e para as obras provenientes da sua instalação.

Dr. Castro Ferreira

Por motivo dos seus afazeres profissionais, pediu a sua exoneração do cargo de Presidente da Comissão Municipal de Assistência o Sr. Dr. José Maria de Castro Ferreira, distinto médico Vimezanense.

Interesses do Concelho

A Câmara Municipal em sua sessão última deliberou conceder o subsidio de 3.000.000 à Junta de Freguesia de Pencilo para reparação da Ponte de Aveleira e encarrega a Comissão de Higiene de escolher terreno para a construção de um cemitério naquela freguesia.

Grandes festejos a S. Roque

Nos próximos dias 21 e 22 do corrente realizam-se no pitoresco lugar de S. Roque ruidosos festejos que prometem ser muito animados, constando do seguinte programa:

Dia 21 — De manhã e durante o dia será queimado muito fogo anunciando o inicio das grandiosas festas.

A' noite, grande arraial abrilhantado pela Banda dos Bombeiros, com Bazar de prendas e fogo de artifício por um afamado pirotécnico de Felgueiras.

Dia 22 — A's 10 horas — Missa cantada pela Schola Cantorum do Seminário da Costa.

A's 14 horas — Continuação do Bazar de prendas e às 17, cerimónias religiosas com sermão por um distinto orador do Seminário.

A's 21 horas, grande sessão de fogo de artifício.

VENDE-SE

Casa de 2 andares, com 2 frentes, quintal, ramadas e árvores de vinho, situada no lugar da Lameira—Taipas.

Informa C. R. Capela.

CAIXA SINDICAL DE PREVIDÊNCIA DOS TIPOGRAFOS, LITÓGRAFOS E OFÍCIOS CORRELATIVOS

AVISO

Pelo presente se leva ao conhecimento de todos os beneficiários que foram inaugurados no dia 26 de Julho pretérito e 1 do corrente, os Postos médicos n.ºs 52 e 45, respectivamente em Vizela e Delães, para consultas e tratamentos aos beneficiários, com residência nas localidades abaixo designadas, e pessoas de sua família pelas quais estejam recebendo abono, além da esposa legítima.

O Posto n.º 52, situado em Vizela, abrange e serve os beneficiários residentes em:

Do Concelho de Guimarães — S. Miguel das Caldas, S. João das Caldas, Tagilde, S. Faustino de Vizela e S. Paio de Vizela.

Do Concelho de Felgueiras — Santo Adrião de Vizela.

Do Concelho de Lousada — Lustosa e Santa Eulália.

O Posto n.º 45, situado em Delães, abrange e serve os beneficiários residentes em:

Do Concelho de Famalicão — Bairro, Ruivães, Carreira, Castelões, Delães, Riba de Ave, Oliveira (Santa Maria) e Oliveira (S. Mateus).

Do Concelho de Guimarães — Guardizela e Serzedelo.

A partir desta data deixam de ter validade as instruções anteriores não podendo, portanto, os beneficiários consultar outros médicos, devendo todos dirigirem-se aos Postos referidos desde que tenham residência situada nas localidades já aludidas.

O horário das consultas nos Postos, e das especialidades médicas, será indicado nos próprios Postos.

Todos os beneficiários, presentemente, em tratamento na clínica particular, devem suspendê-lo e apresentarem-se nos Postos, para efeito de usufruirmos da assistência concedida pela Caixa.

Lisboa, 5 de Agosto de 1948.

A DIRECÇÃO.

SOCIEDADE ÓLEOS INDUSTRIAIS, L.ª
 PRODUTOS QUÍMICOS PARA AS INDÚSTIAS TEXTEIS E CURTUMES

Armazém: Largo Cónego José Maria Gomes, 39
 Escritório: Rua de Camões, 28
 END. TELEG. S O I L
 942 **GUIMARÃES**

FERRA & IRMÃOS, L.ª
 JOALHEIROS FABRICANTES

Execução perfeita em jóias que fabricam

RUA DE CAMÕES, 28 GUIMARÃES TELEF. 4160 P. F.
 END. TELEG. FERMÃOS

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicílio.

JOAQUIM DE MELLO

Casa fundada em 1828

ESCRITÓRIOS: Rua Nova da Alfândega n.º 87 — PORTO com Armazens de Retem e Depósitos (Área coberta: 8.000 metros quadrados)

EM MATOSINHOS:
 R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 908

Telefones: 21078 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO
 CASA CHAFARICA (REGISTADA)

Largo do Toural, 70 a 73 — Telefone, 4808 — GUIMARÃES

Annexo: ARMAZÉM DE MERCERIA de Francisco Pereira da Silva Quintas

CORRESPONDENTES de:

Banco Borges & Irmão, Banco Burnay, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Lisboa & Açores, Banco Pinto & Sotto-Mayor, Banco Português do Atlântico, Banco Regional de Aveiro, Crédit Franco-Portugais, Piano Pereira & C.ª — Banqueiros.

DEPOSITARIOS de:

Companhia Portuguesa de Tabacos, A Tabaqueira, Fósforos, Companhia Previdente, Produtos «Shell», Sociedade de Produtos Lácteos.

Vinhos Borges e Lotaria do Banco Borges & Irmão.

Recebem-se encomendas para fornecimento de SULFATO, ADUBOS e ENXOFRE, da CUF, que serão executadas na sua totalidade e aos preços oficiais.

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

LIVRO DE CHEQUES

PERDEU-SE um livro de cheques do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, pertencente ao Sr. António de Oliveira Durão.

Gratifica-se quem o entregar na nossa Redacção.

AUTOMÓVEL, VENDE-SE

Ver Garagem Auto-Mecânica Vimezanense.

Anunciar no «Notícias de Guimarães» é fazer uma boa propaganda.